

APRESENTAÇÃO

Este número de *Trabalhos em Linguística Aplicada* é dedicado à tarefa de tradutoras e tradutores. Entendida como um processo e não somente como um produto, essa tarefa pode ser tomada como uma injunção a traduzir, a não cessar de traduzir, a retraduzir, a autotraduzir, a aceitar o desafio da intraduzibilidade e a apostar na possibilidade de uma tradução.

Composto de 13 trabalhos originais de autores brasileiros e estrangeiros, duas traduções e uma resenha, o volume vem confirmar a relevância da tradução para os estudos da linguagem, e o fato de que traduzimos, muito precisamente, o que falta a nossas literaturas, o que pode mudá-las, desafiá-las, fazer delas os grandes textos que Proust reconhece como aqueles que têm sempre o ar de terem sido escritos em uma língua estrangeira.

“A letra mata, mas o espírito vivifica”. Essa epígrafe abre o primeiro trabalho, e traz a tradução das Escrituras, tornadas acessíveis pela língua grega, e sucessivamente revisadas e traduzidas para o latim, que vai servir de base para a maior parte das traduções em línguas vernáculas. Em *Revelação ou entendimento: alguns apontamentos sobre a tradução de textos religiosos*, Lenita Rimoli Esteves discute dois caminhos de abordagem de textos religiosos: a via do entendimento, que toma o texto sagrado como obra exotérica, e a via da verdade revelada, que imprime à obra um caráter esotérico. Entre essas duas vias, contudo, não há demarcação precisa, e o dilema entre letra e espírito deixa-nos entre a lenda das setenta versões miraculosamente idênticas e a garantia da intraduzibilidade da palavra divina.

Plural e ambígua, a imagem é e não é uma coisa, é e não é um conceito; diz respeito à reprodução, à imitação, ao simulacro, ao duplo, à cópia, a um visível em segundo grau que nos remete ao par tradução - original, e um não vai sem o outro. Para José Yuste Frías, criador do grupo TRADUCCIÓN & PARATRADUCCIÓN (T&P), a era digital, com novos suportes e escritas diversas, demanda do leitor-espectador que “comece a olhar o que até então somente via”, o que significa a consideração de que o paratexto icônico integra, informa e enforma o texto, interpelando e deslocando a *mirada* do tradutor. *Leer e interpretar la imagen para traducir* é também um convite a deixar-se olhar pela imagem, para desnaturalizá-la de sua suposta universalidade e tornar possível a tradução de sua diferença.

Entre uma ética da diferença e uma ética da igualdade pode haver uma terceira margem? Provavelmente é por ela que transitam os tradutores que Cristina Carneiro Rodrigues apresenta em *As traduções de Bates: dois naturalistas no rio Amazonas*. A autora serve-se dos paratextos às traduções de *The Naturalist on the River Amazons* (1863-1864) e deixa pistas para

que possamos acompanhá-los: o tradutor naturalista, curioso, que segue cuidadosamente as pegadas do autor, e garante que seu leitor encontre nessa viagem todos os provimentos que confirmam, complementam, corrigem e explicam, em 578 notas, o trabalho de Bates; uma tradutora, cuidadosa, que naturaliza as medidas e estruturas sintáticas, não traduz expressões francesas e mantém a formalidade inglesa no tratamento.

Trabalhando também com paratextos e projetos tradutórios, Alessandra Ramos de Oliveira Harden volta-se para a publicação de obras científicas e didáticas ligadas à aplicação das ciências naturais na Lisboa do século 18. *Os tradutores da Casa do Arco do Cego e a ciência iluminista: a conciliação pelas palavras* revela uma tradução empenhada no esforço progressista que tomava conta do governo e da elite intelectual lusitana. Se a conciliação torna-se difícil pelo texto – considerando a linguagem em que se escreve o paradigma de experimentalismo, racionalidade e objetividade pregado pelo Iluminismo –, os paratextos (prefácios e dedicatórias) dos tradutores seguem um modelo de eloquência que abre espaço para os tesouros e preciosidades de outras línguas e culturas, e também para o leitor, tornando-o mais receptivo ao brilho das luzes estrangeiras.

O que seria uma língua de tradução? Roberto Bolaño comenta, em uma conversa com Piglia, que ainda muito jovem havia lido três obras de Hudson (nascido em Buenos Aires, mas que escrevia em inglês) sem se dar conta de que estava lendo uma tradução. Ricardo Piglia considera que há uma tensão entre o que se lê na própria língua e o que se lê fora dela, e que os tradutores estão aí, nessa fronteira. É por ela que passa o trabalho de Ana Frankenberg-Garcia em *O léxico diferenciado da tradução*. A partir de um corpus de textos literários em português traduzido e não traduzido, a autora procura identificar palavras sobre e sub-representadas nas traduções, limitadas por um texto-fonte escrito em um idioma diferente.

Voltada para a urgência da nova ordem mundial, Érika Nogueira de Andrade Stupiello reflete sobre *As práticas de tradução redefinidas pelas relações linguísticas na economia informacional*, e apresenta um panorama das relações linguísticas no mundo globalizado via internet. Com a velocidade da informação e a redução do tempo para traduzir, ganham terreno as ferramentas tecnológicas – em especial os sistemas de memórias de tradução, que limitariam cada vez mais a interferência dos tradutores. Contudo, observa a autora, é preciso lembrar que novas traduções estão sempre se produzindo e gerando outras possibilidades de tradução.

Vera Lúcia Santiago Araújo focaliza em seu trabalho o tema da audiodescrição. A inserção de descrições de cenas entre as falas dos personagens traduz em palavras, para pessoas com deficiência visual, a magia do cinema. É preciso fechar os olhos para ver; para pôr-se à escuta das imagens em movimento, e o desafio a que responde a pesquisa da autora vai ainda mais longe, uma vez que aposta na possibilidade de uma tradução ainda mais sutil. *Cinema de autor para pessoas com deficiência visual: a audiodescrição de O grão* traz o relato dessa experiência realizada pelo grupo de estudo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) na Universidade Estadual do Ceará, que cuidou do roteiro, gravação, edição, e também produziu o filme *O Grão* em DVD, com menu com audionavegação, audiodescrição, legenda para surdos e janela de LIBRAS.

Dois artigos discutem a importância da tradução para a transmissão da psicanálise freudiana e lacaniana. Que tradução responderia pelo que se transmite e pelo não se transmite do não-sabido inconsciente? Sigmund Freud sempre demonstrou grande preocupação com a divulgação de suas obras, e os problemas de tradução não foram poucos, estendendo-se até os dias atuais. Em *As "derivas" de um conceito em suas traduções: o caso do Trieb freudiano*, Pedro Heliodoro Tavares apresenta o panorama atual, comparando duas das novas traduções (com três volumes já lançados) a partir das traduções propostas para *Trieb* (a de Paulo César de Souza, que mantém a tradução já proposta pelos tradutores da coleção da Editora Imago – *instinto*; e a de Renato Zwick, que escolhe *impulso*).

O artigo de Patricia Chittoni Ramos Reuillard traça um breve histórico do percurso teórico de Jacques Lacan tendo como foco a constituição de seus textos, os problemas de transcrição e de estabelecimento. *A tradução dos seminários de Jacques Lacan* aborda o estilo do psicanalista, com atenção especial para os seminários, marcados pela oralidade, pela variação de registros e, especialmente, por neologismos. A autora traz ainda uma seleção de criações lexicais de Lacan, de forma a ilustrar as dificuldades encontradas pelos tradutores dessa obra que ainda enfrenta, 30 anos após a morte do autor, problemas editoriais (ainda há seminários que só circulam em versões não autorizadas).

O tradutor pode ser aquele que faz passar o falso pelo original, que se faz intermediário e pode ser dito também um anfitrião, hospedando outra(s) língua(s) em sua língua, e expondo o caráter incontornável da alteridade como única possibilidade de delimitar a língua que lhe seria própria. Em *Tradutor: o inescapável hóte da língua do Outro*, Erica Lima parte do termo francês *hôte* para mostrar como essa tradução (em todas as nuances exploradas no texto) encena a impossibilidade de uma hospitalidade incondicional: a língua de Jacques Derrida não é apenas a língua que o acolhe e que é por ele acolhida, mas também aquela que lhe é hostil ou que o hostiliza, e são essas múltiplas línguas que entram em jogo no processo tradutório.

Há uma tendência a negligenciar os tradutores não somente em seu papel de passador, mas também no de escritor de sua tradução. Considerar esse escritor talvez seja o ponto de partida para pensar os limites entre tradução direta e indireta. O trabalho de Mauricio Mendonça Cardozo, na contramão da ideia de que a tradução direta estaria mais próxima do original, uma vez que o oferece "em primeira mão", busca pontuar esses limites e suas implicações para a crítica da tradução literária. *Mãos de segunda mão? Tradução (in)direta e a relação em questão* alerta para a possibilidade de o ideal da tradução direta estar ainda, e mais uma vez, preso a uma noção também ideal de uma relação direta.

Os dois trabalhos a seguir põem-nos à escuta dos intérpretes, tradutores de corpo presente, em situações muito especiais: o intérprete judiciário, trabalhando na Corte Suprema da Nova-Escócia, província do Canadá; e os intérpretes da Comissão Verdade e Reconciliação da África do Sul. Em *Intérprete, tu serás*, Márcia Atálla Pietroluongo apresenta o *Acórdão Tran*, documento que estabeleceu pela primeira vez critérios para a fundamentação da "boa interpretação" no meio judicial canadense. O caso que deu origem ao acórdão questionava o fato de a ausência de uma tradução concomitante e integral ter violado o direito do réu à assistência de um intérprete. *Verdade em tradução: um testemunho da dor das palavras*,

de Viviane Veras, pensa a relação entre tradução e testemunho, o intérprete tradutor como testemunha da passagem do *apartheid* à democracia, sublinhando o fato de que há 12 línguas oficiais na África do Sul, e que a língua da Comissão, o inglês, é uma língua de tradução, não é a língua das vítimas nem dos torturadores.

A segunda parte deste número é dedicada a traduções. O artigo de Rosemary Arrojo, traduzido por Lenita Rimoli Esteves, vale-se da trama irreverente de um romance de Claude Bleton, que traz um tradutor como *serial killer*, para discutir, a partir da declaração de “morte do autor”, teorias contemporâneas de texto e de tradução. *Tradução e impropriedade: uma leitura de Les nègres du traducteur, de Claude Bleton* propõe uma reconsideração de alguns clichês associados ao tradutor, ao seu trabalho e à suposta impropriedade de sua íntima relação com textos e autores.

O artigo de Gillian Lane-Mercier, na tradução de Edilene Narezzi, explora duas traduções de *Le Cassé* de Jacques Renaud, considerado pela crítica quebequense a obra mais representativa dos imperativos estéticos e políticos dos escritores partidários da independência do Quebec, graças ao seu valor literário, mas também ao escândalo que a obra desencadeou pela presença, até então inédita no romance quebequense, do *joual*, um socioleto fortemente anglicizado falado pelas classes populares de Montreal. *Da tranquilidade à intranquilidade: traduzir o joual literário* analisa problemas levantados pelas principais estratégias de tradução mobilizadas entre 1964 e 1984 para traduzir as representações romanescas do *joual* para leitores anglo-canadenses inquietos com o avanço do movimento independentista no Quebec e com a chegada ao poder, em 1976, do Partido Quebequense.

Encerrando este número, a resenha de Daniel do Nascimento e Silva joga com as diferenças de tom e faz o elogio de *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*, de Daniel Heller-Roazen, na tradução de Fábio Akcelrud Durão. O livro personda, como num país das maravilhas, os mistérios das línguas, os balbucios, a força cantante, o corpo falante, línguas que em Canetti se traduzem sem tradutor, e que falam no corpo sem vida do tradutor mesmerizado de Poe. Esse conjunto de ensaios é, sem dúvida, uma leitura fundamental para os estudiosos da linguagem.

Boa leitura!

Viviane Veras